

ALFAIATARIA HOJE

Tailoring nowadays

Souza, Walkiria; MsC; Universidade Federal do Ceará; walkiria.guedes@ufc.br¹
Barbosa, Rita Claudia; Mestre; Universidade Federal do Ceará; rcab@ufc.br²
Queiroz, Cyntia; Dra; Universidade Federal do Ceará,
cyntiatavares@yahoo.com.br³

Resumo

O artigo apresenta o surgimento da alfaiataria, as técnicas empregadas, a sua importância e a do profissional alfaiate. A abordagem histórica evidencia as mudanças ocorridas ao longo dos séculos e que perduram até os dias atuais, diminuindo a importância do alfaiate no contexto atual.

Palavras chave: alfaiate; técnica artesanal; contemporaneidade; consumo.

Abstract

The article presents the appearance of tailoring, the techniques employed, its importance and the professional tailor. The historical approach shows the changes over the centuries to the present day that decrease the tailor importance in the current context.

Keywords: tailor; handmade technique; contemporaneity; consumption.

Introdução

A alfaiataria é uma técnica artesanal muito antiga de produção de roupas por mestres alfaiates, cujas habilidades foram sendo transmitidas para os seus alunos ao longo dos tempos, mas que atualmente encontra-se cada vez mais escassa, devido a razões diversas, tais como: a falta de mão de obra especializada; o surgimento do *Prêt à Porter*; o crescente número de confecções de moda que tem se apropriado dessa técnica; a baixa procura por esse ofício.

¹ Professora Assistente do Curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharel em Matemática (Universidade de Fortaleza-UNIFOR/1983) e Estilismo e Moda (UFC/2003). Licenciada em Formação de Formadores para Educação Profissional (Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL/2005). Mestre em Economia (UFC/2008)

² Professora Assistente do Curso de Economia Doméstica (UFC). Bacharel em Ciências Econômicas (UFC/1983); Mestre em Economia Rural (UFC/1986).

³ Professora Adjunto do curso de Design – Moda da Universidade Federal do Ceará. Bacharel em Estilismo e Moda (UFC/1998) e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UNIFOR/2000). Mestre em Design e Marketing (Universidade do Minho – Portugal/2004). Doutora em Educação (UFC/2014).

A inserção das novas tecnologias nas formas de produção do vestuário, as mudanças econômicas, políticas e sociais, contribuíram para o surgimento dos novos mercados como o do *fast fashion*⁴, que vem alavancando vendas e milhares de adeptos no mundo todo, aumentando o consumo desenfreado, e fazendo com que o mercado de luxo e a Alta Costura percam terreno para as grandes marcas adeptas deste novo modelo. É o caso de grandes magazines, como as redes Riachuelo, C&A e Renner aqui no Brasil, Zara e outras grandes do mercado mundial.

Nesse sentido, a alfaiataria tradicional, que exerce uma atividade praticamente artesanal, sofre desvantagem competitiva frente a esses nichos de mercado, disputando com empresas de moda e com a alfaiataria praticada por grandes magazines.

Para pensarmos numa possível permanência da técnica, é preciso que reflitamos sobre as suas origens e os seus diferenciais frente a outras formas de construção do vestuário. Como a alfaiataria surgiu e que mudanças ocorreram desde o seu surgimento até os dias atuais? Qual a sua importância na moda contemporânea? Que diferenciais ela traz? E o profissional alfaiate, como ele está inserido no atual mundo do trabalho? Estas são indagações que o artigo busca responder, através de pesquisas bibliográficas.

O surgimento da alfaiataria

A Europa Ocidental assistiu, no século XI, ao despertar das cidades e, com isso, ao aumento da divisão social do trabalho. Antes rurais e auto-suficientes na produção dos seus bens de consumo e instrumentos de trabalho, as cidades vão, paulatinamente, transferindo a produção de alguns produtos, que eram de competência da família, para mercados maiores. Ampliam-se, portanto, o número de especialidades profissionais, o sistema de troca e a dependência do mercado. A unidade doméstica, no caso a família, deixa de ser a única responsável pela provisão dos produtos e o comércio passa a exercer esta função. No que diz respeito ao vestuário das classes mais abastadas, como grande parte de outros bens, ele passa a ser produzido por artesãos específicos.

⁴O fast fashion oferece uma moda sempre atual, com preços super acessíveis e coleções lançadas em alta velocidade.

Segundo Lajugie (1988), no século XI ainda havia um número reduzido de profissões distintas, mas nos séculos seguintes cada profissão se subdividiu ao infinito. A partir de 1315, passaram a existir, na comuna de Paris, pelo menos 150 ofícios como formas de atividade econômica. A indústria desenvolveu-se sob a forma artesanal ou pequena indústria domiciliar. A Produção era incipiente e os instrumentos de trabalho pouco desenvolvidos, porém suficientes para assegurar a expansão das trocas, configurando-se uma produção mais de qualidade do que de quantidade. Os artesãos vendiam os seus produtos no comércio, inicialmente focando o mercado local e, a amiúde, sob encomenda.

Somente a partir do século XIII que se passou a conhecer a lista das profissões que contribuíram para vestir nossos ancestrais europeus, conforme Lajugie (1988). A divulgação desses mestres artesãos deveu-se ao Livro dos Ofícios (*L'establissement des mestiers de Paris* e conhecido sob o nome de *Livre des métiers.*), redigido por Étienne Boileau, dirigente da corporação dos mercadores de Paris, em 1268, a mando do então Rei São Luís de França, que tinha por finalidade o controle e a vigilância. Étiene conseguiu catalogar 101 artes e ofícios, entre estes, o de alfaiate.

A alfaiataria, propriamente dita, ou *tailor* em inglês, surgiu por volta de 1297. A palavra *tailor* definia a profissão como “cortador de tecidos”. Conhecida na França por “*Tailleur*”, na Itália por “*Sarto*”, na Espanha por “*Sastre*” (do latim *Sartor*, *Sarcire*, *coser*). A tradução em português para a palavra alfaiate vem do árabe *alkhayyát*, do verbo *kháta*, que significa “coser” (costurar). O nome, curiosamente, está ainda associado à localidade de “Alfaiates”, na Beira Baixa, Portugal, onde se desenvolveu uma forma de organização administrativa⁵.

De acordo com Franco Jr. (2001), existiram corporações de ofícios que eram associações, nas quais se reuniam artesãos do mesmo ofício como carpinteiros, ferreiros, alfaiates, sapateiros, entre outros. Essas associações tinham a finalidade de defender os interesses dos artesãos, tanto trabalhistas como econômicos e eram mantidas com taxas de contribuições que cada profissional repassava. Havia nelas uma divisão por categorias, o que as

⁵ Disponível em: <http://blog-dos-alfaiates.blogspot.com.br/2007/09/alfaiataria-em-portugal.html>). Acesso em 20 de fevereiro de 2015

tornavam bem organizadas, e eram distribuídas da seguinte forma: Mestres, os donos das oficinas e que detinham um amplo conhecimento; Oficiais, dominavam a técnica e recebiam salário pelos serviços prestados; Aprendizes, eram jovens em começo de carreira e que embora não recebessem salário, estavam ali para aprender a profissão. Até o século XVII, segundo Grumbach:

(...) somente os mestres alfaiates tinham legitimidade para vestir homens e mulheres. A profissão de costureira era ainda muito modesta, sendo permitido apenas auxiliarem os alfaiates e camiseiros com alguns consertos e ajustes. Somente em 1782, lhes é concedido o direito de rivalizar com os alfaiates na confecção de corpetes, espartilhos e crinolinas, assim como de robes masculinos e dominós⁶ para bailes. (GRUMBACH, 2009)

Portanto, havia um privilégio grande do masculino sobre o feminino. Às mulheres era negado o direito de exercer a função de alfaiate que, de fato, nunca lhes foi concedido, pois quando puderam exercer o ofício de vestir homens e mulheres, o fizeram sob a denominação de costureiras, uma profissão nunca valorizada, quanto a dos alfaiates que, no sec. XVI estiveram vinculados ao luxo do vestuário europeu, sobretudo no reinado de Elisabeth I na Inglaterra.

Como estratégia política de governar, a rainha transformou a corte em um verdadeiro palco para desfile de moda. Começou aí o que muitos autores chamam de “revolução comercial” que antecede assim a revolução industrial inglesa. O consumo de vários bens, inclusive o vestuário, passou a ser um instrumento de poder, fazendo com que a nobreza, para obter sua atenção, pagasse grande parte desses custos.

Segundo Rosa (2008 p.13), “em meados do século XVIII, sob influência da burguesia campestre inglesa, a moda começou a apresentar características rumo à praticidade e simplicidade”. Flügel (apud Anderson, 2001 p. 36) também afirma que, no final do mesmo século, houve uma repentina redução dos adornos nas vestimentas masculinas, ao que Flügel se refere como “A Grande Renúncia Masculina”, dado que os homens abriram mão dos seus direitos às formas mais claras, alegres, elaboradas e mais variadas de ornamentação, deixando-as totalmente para as mulheres, tornando assim o seu próprio vestuário mais austero. Para eles não importava mais serem considerados belos, o objetivo agora era a praticidade, vestir-se com correção.

⁶ Dominós, traje utilizado em baile de máscaras por participantes que não desejam uma fantasia específica.

As peças de vestuário mais tradicionais da alfaiataria eram os calções, as casacas e os coletes, consequência da influência inglesa, graças à habilidade superior dos alfaiates de Londres. As modificações foram acontecendo ao longo do tempo. “Na década de 1840, as roupas masculinas foram ficando mais sóbrias. O fraque era usado tanto à noite quanto durante o dia, mas a noite costumava ser preto”. (LAVIER, 1996, p.168).

Com relação ao terno, este surgiu na França, no século XVIII, quando o rei Luís XIV já o usava. Era moda utilizar paletó, colete, camisa e calças, todos feitos com diferentes tecidos, padrões e cores. O corte era largo, e o terno foi pensado como um vestuário de campo informal, conhecido como “roupa de descanso”. Nas costas do paletó, os alfaiates deixavam uma fenda na parte inferior para facilitar no ato da montaria, pois estas roupas também eram utilizadas para andar a cavalo. Esta fenda deu origem às aberturas encontradas nos ternos atuais. Apenas em 1860 todos os componentes de um terno passaram a ser confeccionados com o mesmo tecido. Desde então, o traje masculino foi sofrendo modificações, de acordo com o momento social, político, profissional ao longo dos séculos até os dias atuais.

O antropólogo Gilberto Freyre (1987) afirma que “nos séculos XIX e XX, a divisão era clara: ‘modos’ era assunto de homem; ‘modas’, de mulher, pois estas renovavam o guarda roupa a cada estação, enquanto os homens mantinham o mesmo figurino por vários anos”. Para o autor, embora permanecesse um visual elegante, o masculino deveria ser discreto, firmar sua posição de poder e honra na sociedade.

A sofisticação dos métodos e técnicas

A alfaiataria é um processo de confecção individualizado, sob medida, onde o traje é encomendado antes de ser confeccionado. Os métodos são sofisticados, pois se busca o caimento perfeito da roupa, obedecendo às medidas do cliente. Para a pesquisadora Patrícia de Sant'Anna⁷, do Grupo de Estudos em Arte, Design e Moda, da Unicamp, “a alfaiataria é uma técnica específica, que promove a arquitetura elaborada do corpo e de sua imagem”.

As decisões sobre o modelo, o corte, elementos de estilo e tecido empregado no traje, são combinados com o cliente com bastante

⁷<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/historia-moda-masculina-vestidos-poder-741354.shtml>

antecedência. São necessárias várias provas e ajustes até as peças ficarem prontas. Além do corte perfeito, as costuras e os acabamentos merecem atenção especial. As peças são bem estruturadas, recebendo vários reforços e camadas. Colarinhos e punhos de camisas recebem forros de entretelas, bem como os coletes e paletós. Os bolsos geralmente são debruados em blazers e paletós.

Pode-se dizer que a alfaiataria é um trabalho artesanal, onde os processos de confecção exigem muito do trabalho manual. Por exemplo, as casas de botões são feitas à mão com fio de linha específica, da mesma forma, os botões são presos manualmente com uma técnica especial para que estes não fiquem muito apertados. Os acabamentos devem ser impecáveis, as costuras dos forros geralmente presos com pontos de alinhavo, o uso constante do ferro de passar para abrir as costura, enfim, estas técnicas fazem a diferença das outras técnicas de confecção do vestuário, onde o emprego da máquina se faz presente em quase todo o processo, desde a modelagem, passando pelo corte, a costura, até os acabamentos.

Se observarmos as obras nas quais as lojas-oficinas de alfaiates são representadas (Figura 1), verificaremos a simplicidade dos instrumentos de trabalho: tesouras, régua, compassos e pouco mais.

Figura1 –“O Alfaiate” - óleo sobre tela de Giovanni Battista Moroni(<http://pt.wahooart.com>)



Por trás dessa aparente simplicidade escondem-se requisitos que os alfaiates precisam possuir: conhecimentos de geometria, aritmética e das proporções do corpo humano, resultando num longuíssimo período de aprendizagem necessário para o exercício da arte.

Na busca de um conhecimento mais exato das medidas básicas do corpo humano, os alfaiates lançaram as bases da antropometria. Deve-se ao célebre alfaiate francês H. Guglielmo Compaign o estabelecimento das primeiras tabelas de medidas e o princípio do escalado. A sua obra “A Arte da Alfaiataria”(1830) revolucionou as técnicas de corte em toda a Europa.⁸

As mudanças contemporâneas que afetam o consumo da alfaiataria

No mundo atual, os alfaiates são profissionais que desenham, cortam, costumam e ajustam roupas. Há os que trabalham como autônomos, atendendo clientes em casa ou costurando peças por encomenda em seus ateliês, e os que são empregados de indústrias de confecções, nas linhas de montagem de roupas. Podem ainda trabalhar em lojas, efetuando consertos, alargando ou ajustando as peças prontas ao corpo do cliente, ou na confecção de figurinos para espetáculos. Já os alfaiates tradicionais têm o seu próprio ateliê e atendem a uma clientela cativa. Esses trabalham com cortes exclusivos, caimentos ajustados, peças únicas, personalizadas.

Os tecidos mais utilizados na alfaiataria, de acordo com Gabriele Domenico⁹, são os de fibras naturais como o algodão, o linho, a lã e a seda que oferecem conforto, flexibilidade, toque agradável e mais respiro para o corpo; e os de fibras artificiais ou sintéticas, como a viscose, o rayon, o acetato, o poliéster, o acrílico e a poliamida. Estes são práticos, pois secam rápido, amassam pouco e são bastante resistentes.

Atualmente, entretanto, o ofício do alfaiate vem perdendo adeptos, porque as roupas informais são bastante aceitas no mundo do trabalho. Muito mais versátil, o homem hoje ocupa posições variadas, principalmente pela ascensão da mulher no mercado de trabalho, que desorganizou a antiga estrutura familiar patriarcal. A posição de poder e honra defendida por Freyre (1987) não é mais impositiva, assim como também não há uma imposição à discrição. Estas mudanças alteraram os desejos e as necessidades de consumo do homem contemporâneo, de modo a pressionar a alfaiataria, forçando a redução dos preços dos trajes, para que possa competir no mercado.

⁸ <http://blog-dos-alfaiates.blogspot.com.br/2007/09/alfaiataria-em-portugal.html>

⁹ Alfaiate italiano radicado em Fortaleza- Ce em sua publicação na Revista Domenico 50, p.51 de janeiro de 2015 (publicação em homenagem aos 50 anos de trabalho neste ofício).

Alguns alfaiates, como Armani, buscaram suavizar o estilo e a construção dos trajes tornando-os mais flexíveis, mais modernos (Figura 2):

Fig.2 Alfaiataria elegante e unisex (<http://www.achixclip.com.br/noticia/32476121/ultimas-noticias/veja-os-desfiles-que-apostaram-na-moda-unisex-para-o-inverno-2015/>)



Em Portugal, dois projetos que produzem camisas sob medidas, foram criados por Renato Braz, junto com Adriano Prates e João Paulo Rodrigues, no sentido de reinventar a alfaiataria. São eles Slägen & Zonen, em 2013 e BGentleman, lançado neste ano de 2015. Um dos diferenciais dos projetos é a comercialização através do *e-commerce*. Na Slägen & Zonen o cliente pode personalizar as peças e, após a escolha, é agendada uma visita do alfaiate em sua residência ou no trabalho, para concretizar o pedido. Após a visita, o cliente aguarda a entrega da mercadoria em sua residência. Há, portanto, um acréscimo dos componentes praticidade e conveniência ao ofício do alfaiate, importantes no contexto contemporâneo. Na BGentleman, não existe a visita do alfaiate, o cliente insere as suas medidas na encomenda, após personalizar a camisa. Esta segunda proposta vai se distanciando mais da concepção tradicional da alfaiataria, pois a figura do alfaiate desaparece, permanecendo apenas o requinte e a sofisticação dos seus métodos e técnicas.

Algumas alfaiatarias, como estratégia de sobrevivência, trabalham com aluguel de trajes para eventos sociais, como casamento, formatura, aniversário, atendendo a uma necessidade pontual do cliente. Este serviço atende aos que precisam de uma roupa mais sofisticada, diferente, para uma ocasião específica, mas não desejam comprá-la, pelo pouco uso que a mesma terá, sendo o aluguel a melhor opção. Segundo Gabriele Domenico, este setor movimenta um mercado de cerca de 14 bilhões de reais.

Outra possibilidade de ampliação do mercado consumidor é o atendimento ao público feminino. Neste caso, os alfaiates se deparam com as dificuldades de enfrentamento da concorrência, já que apresentam competência para confeccionar peças do vestuário feminino as costureiras, estilistas e designers de moda.

Todas estas ações, entretanto, não anularam espaços imponentes de alfaiataria, já existentes no Brasil e no mundo. Em Londres, o centro de admiradores da conceituada costura inglesa, encontramos ainda hoje uma rua denominada *Savile Row*, onde se concentram os alfaiates de maior renome, conforme figura 3.

Fig.3 - Alfaiataria da Savile Row 15<http://www.thegentleman.com.br/around/a-loja-de-ternos-the-tailor-shop>



A fama desta rua teve a contribuição de outros alfaiates que, desde o final do século XIX, vieram da Polônia, Rússia, Hungria e Alemanha, trazendo os estilos de elegância dos seus países.

Percebe-se, portanto, que o ofício da alfaiataria tradicional, embora tenha perdido mercado pelas mudanças contemporâneas, ainda encontra espaço para atender pessoas que preferem o trabalho de um alfaiate para confeccionar suas roupas. São pessoas que primam pela elegância, estilo e tradição de acordo com sua personalidade.

Considerações finais

As mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas fizeram surgir novos comportamentos masculinos, que alteraram as suas necessidades e desejos de consumo de produtos do vestuário. O homem de hoje ocupa posições variadas, é provedor, mas pode também ser responsável pela casa. A ascensão da mulher no mercado de trabalho desorganizou a antiga estrutura

familiar patriarcal. A posição de poder e honra impositiva à figura do homem, deixou de existir. No campo da estética, também desapareceu a obrigação de discrição a qual o homem estava submetido, possibilitando ao mesmo um olhar mais vaidoso para si que remodela as suas escolhas de consumo. Este novo contexto alterou o *modus operandi* de muitas alfaiatarias, de modo que a tradição vem perdendo espaço na contemporaneidade e as novas técnicas de trabalho vão se transformando, assim como também se alteram os campos de atuação das alfaiatarias, antes restritas somente à confecção de peças para o público masculino. Embora haja essas mudanças, a alfaiataria continua mostrando sua autoridade, seu caráter formal e emocional dos valores de perpetuação.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Fiona. **Fashion Theory – A Revista da Moda, Corpo e Cultura**. SP: Ed. Anhembi Morumbi, 2002 nº 4

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem modas de mulher**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1987.

GRUMBACH, Didier. **História da moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009
em *Modos de homem & modas de mulher* (Editora Record, 1987)

Guia completo da costura, v.8. Revista manequim – São Paulo: Ed. Abril 2012.

LAJUGIE, Joseph. **Os sistemas econômicos**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A. 1988.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

ROSA, Stefania. **Alfaiataria: modelagem plana masculina**. SENAC DF, 2008

REIS, 2002. Disponível em:

<http://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/1729/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Benilde%20Reis%20Final.pdf>. Acesso em 28/05/2015

<http://modafashionemteste.blogspot.com.br/p/historia-do-terno-e-gravata.html>

books.google.com.br/books?isbn=8537808350, Acesso em 18/05/15

Revista Domenico 50, p.58. Edição de janeiro de 2015.

<http://www.joaoantonio.net/site/alfaiataria.html>. Acesso em 26/05/15

<http://ela.oglobo.globo.com/blogs/moda-masculina/posts/2012/08/13/afinal-que-design-na-moda-dos-homens-460038.asp>. Acesso em 26/05/13

<http://blog-dos-alfaiates.blogspot.com.br/2007/09/alfaiataria-em-portugal.html>. Acesso em 20/02/15